

cidades@atribuna.com.br

Cidades

Cubatão teme queda de receita

Demissões na Usiminas e intenção das empresas de não pagar o IPTU à vista podem tornar quadro econômico ainda mais delicado

DA SUCURSAL

O primeiro sinal da crise econômica que se agravou no polo com as demissões na Usiminas é a queda na receita orçamentária da Prefeitura. “A cidade de Cubatão fecha”, prevê a prefeita Márcia Rosa diante das dificuldades que já começa a experimentar neste mês.

As indústrias que possuem extensas áreas de terras na cidade, como a Usiminas e a Petrobras, dão sinais de que não vão pagar o IPTU à vista, como aconteceu no passado. Só a Usiminas paga cerca de R\$ 24 milhões de IPTU anuais (segundo informações extra-oficiais).

A soma de débitos de outros contribuintes de IPTU semelhantes duplica esse valor, pois a estimativa orçamentária da municipalidade para este ano é de arrecadar R\$ 32 milhões de Imposto Predial e R\$ 67 milhões de Territorial.

PAGAR SALÁRIOS

Sem receber esses recursos de uma única vez como ocorria no passado, já que as empresas diante da crise vão parcelar mensalmente os débitos, a prefeita não sabe o que fazer para



Com parcelamento do IPTU pelas empresas, a Prefeitura não sabe como pagar salários de 4 mil servidores

pagar os salários de cerca de 4 mil servidores em janeiro. E por isso teme pelo futuro da cidade. Não serão apenas trabalhadores diretos e indiretos (de empreiteiras que prestavam

serviços à Usiminas) os afetados: os servidores públicos, o comércio, e a população que deixará de contar com serviços de atendimento médico, social e educacional.

Ela espera até dia 25, limite do pagamento do IPTU com descontos, para juntar dinheiro. “Nós demos o desconto do IPTU de 5% para o pagamento à vista, mais 10%

Estado crítico



“Não temos dinheiro para pagar professor, médico, funcionário público, ou hospital. Nada”

Márcia Rosa
Prefeita de Cubatão

nas B e C também”, explica a prefeita.

Na última quinta-feira, ao participar do Fórum Cresce Baixada Santista no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, Márcia Rosa contou que telefonou para a diretoria do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp): “Perguntei: ‘É um conluio das empresas?’ Pedi para o diretor do Ciesp, que também representa a Vale Fertilizantes, para liberar o IPTU integral, porque nós não temos dinheiro para pagar professor, médico, funcionário público, nem o hospital. Não temos dinheiro para pagar nada!”.

Tradicionalmente, o mês de janeiro é, segundo a prefeita, “o que entra a gordura orçamentária de Cubatão. E a maior gordura é o IPTU das indústrias. E o maior deles é a Usiminas, que também falou que vai parcelar. Eles disseram que tinham dinheiro para demitir, indenizar, mas saem de Cubatão desempregando a Cidade”.



Prefeita teme pela paralisação dos trabalhos no Hospital Municipal

Cidade será afetada em várias áreas

Esse quadro crítico estenderá o processo de demissões na Usiminas a outros setores da cidade, explica a prefeita. “Por exemplo, a parcela do hospital municipal, que é mantido pela Prefeitura, será prejudicada. Não pagamos ainda o hospital. Isso significa que os médicos vão parar, pois já fizeram várias ameaças. Já tivemos um período que pararam a UTI neonatal. Por isso, a situação da Cidade é: está fechada”.

Além da queda da parcela prevista do IPTU para janeiro, Cubatão teme a redução das parcelas que recebe do ICMS

recolhido pelo Estado. Para este ano, a previsão é de receber R\$ 380 milhões (menos R\$ 76 milhões de dedução do Fundeb). E, como as empreiteiras que prestam serviços ao polo e à Usiminas estão tendo contratos cancelados, dificilmente receberá a parcela do Imposto Sobre Serviços (ISS) estimada em R\$ 200 milhões.

Resultado: a Prefeitura não dispõe de recursos orçamentários para quitar os salários de funcionários neste mês. Vai ter que fazer remanejamentos de recursos orçamentários para saldar os débitos.

E serão automaticamente atingidos também funcionários do Hospital Municipal, CMT, Caixa de Previdência e entidades assistenciais que prestam serviços subsidiados e terceirizados.

DEMITIR

“Só o pagamento da Vale não salda 1/3 da folha dos servidores, sem contar os serviços essenciais (lixo, saúde, educação, transporte). Se no dia 25 as empresas depositarem o IPTU podemos ainda ter uma expectativa de tocar a cidade. Mas só no mês de janeiro. E depois? O

ISS? O comércio está falido. Já é pequeno porque não tem condições de competir com os shoppings nas outras cidades e estamos a dez minutos de carro das outras cidades”.

Nesse quadro, Marcia Rosa não vê saída. “Vamos ter que demitir funcionários da ativa concursados, porque já estamos no limite de 54% da folha. Se cair mais, tem que demitir até porque comissionados não tenho. Para cumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal. Tem que fazer escolhas num cenário nebuloso, sem perspectiva”, lamenta.

Outros municípios devem ser atingidos

Para a prefeita Márcia Rosa, os danos à economia com a paralisação da Usiminas e de duas fábricas de cimento (Votorantim e Interement) se estenderão toda a Baixada Santista.

“Não é só Cubatão. As empresas que prestavam serviço lá dentro, de alimentação, transporte, serviços médicos, são de Santos e de Guarujá. Pelo menos 30% dos trabalhadores demitidos também são da Área Continental de São Vicente. Então, São Vicente, que está em crise já, terá essa situação agravada”.

A ideia de que, além do desemprego, também a economia da cidade e região será afetada em cadeia é compartilhada por Marcos Braz de Oliveira, o Macaé, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil (Sintracomos).

O quadro vai das demissões e da falta de novos empregos, aumento do volume de débitos (sem salários não dá para pagar dívidas), geração menor de tributos, passando por rescisões de contratos com prestadores de serviços (de empreiteiras a empresas de transporte e fornecedoras de alimentos),

Constatação

De acordo com a prefeita de Cubatão, Márcia Rosa, cerca de 30% dos trabalhadores demitidos pela Usiminas são da Área Continental de São Vicente.

até serviços de convênios médicos, escolas e serviços.

Cubatão, segundo o IBGE, tem hoje cerca de 120 mil habitantes, mais da metade deles composta por pessoas com menos de 18 anos ou idosos entre 60 e 70 anos ou mais, aposentados na maioria com renda inferior a dois salários mínimos.

Restam cerca de 60 mil habitantes na idade ativa de trabalho. Pouco menos dessa metade são homens em idade produtiva. Não espanta, portanto, ouvir Macaé confirmar que os trabalhadores diretos da Usiminas morando no Jardim Casqueiro e na Vila Nova não lotam dois ônibus. E, pior: é relativamente pequeno o número de trabalhadores da construção civil e montagem industrial residindo em Cubatão.

“Nossos associados moram em Santos, São Vicente, Praia Grande, principalmente”, assinala. O melhor exemplo desse quadro registrou-se em meados do ano passado, quando trabalhadores desempregados promoveram manifestações parando o trânsito nas rodovias de Cubatão que dão acesso às indústrias. Mais de 80% dos ônibus transportando trabalhadores do polo parados nas estradas vinha de fora de Cubatão.

A importância da Usiminas em Cubatão (a antiga Cosipa) como empregadora só é equivalente às unidades da Petrobras e às instalações portuárias em Santos e Guarujá. Macaé estima que estão sendo atingidos desde novembro cerca de 3 mil terceirizados de 18 empreiteiras que atuavam na Usiminas. Ele multiplica esse número:

“Como a maioria tem família para sustentar, são entre 12 mil a 20 mil pessoas afetadas, preocupadas com seu futuro imediato. Nós, trabalhadores, somos vítimas da enorme crise capitalista que assola o planeta, onde a imensa maioria é vítima dos poucos que dominam o chamado ‘mercado’, lamenta Macaé.

Primeiros efeitos já são verificados

Estacionamentos vazios e queda na movimentação dos restaurantes e lojas comerciais de Cubatão são o primeiro resultado do cancelamento de contratos da Usiminas com empreiteiras prestadoras de serviços, em razão da suspensão das atividades produtoras de aço. No Edifício Piaçaguera, antes lotada por escritórios de empreiteiras e de engenharia especializada, a redução de ocupação já passou a 60%.

Um estacionamento na Rua Manoel Jorge, ao lado do conjunto de salas, dá cores ao retrato da crise. As dez vagas antes reservadas mensalmente só por essa empresa para abrigar diariamente veículos a serviço de um dos seus escritórios, foram reduzidas a uma única: a do dono da empreiteira.

À redução do mercado de trabalho proporcionado pela Usiminas, deve somar-se a partir de janeiro o término das obras de parada na Refinaria Presidente Bernardes-Cubatão.

Haverá mais trabalhadores sem ocupação, quando terminar o contrato da G&E e da Montcalm, que realizam a última etapa da parada. E menos



Estacionamento e centro comercial teve redução de clientes

escritórios de empreiteiras e de hotéis e pensões destinadas a receber mão de obra qualificada e mais desempregados engrossando as filas do Posto de Atendimento ao Trabalhador (PAT) de Cubatão.

Para agravar o quadro de agruras da dona de estacionamento, prestadores de serviços e comerciantes começam também a fechar as portas porque se instalaram há dois anos para aproveitar as vantagens oferecidas pelo Cartão Servidor de Cubatão, que foi suspenso por problemas na licitação da Prefeitura. E muitos comerciantes

levaram meses para receber esses débitos.

Como a maioria dos comerciantes e prestadores de serviços que tem estabelecimentos na Cidade residem fora de Cubatão, já se estima a redução das atividades comerciais.

O presidente da Associação Comercial e Industrial de Cubatão (ACIC), Antonio Teixeira, está na expectativa de que dê certo a atividade de retorno do novo Cartão Servidor Cidadão que a Prefeitura pretende implantar a partir de fevereiro.